

ATLAS DA EXPERIÊNCIA HUMANA: METÁFORA INVULGAR?

Hilda Hartmann Lontra¹

RESUMEN:

ATLAS DE LA EXPERIENCIA HUMANA: ¿UNA METÁFORA FUERA DE LO COMÚN?

Se presenta la obra Atlas de la Experiencia Humana de los autores Louise van Swaaij y Jean Klare, la cual incluye veintiun mapas. De acuerdo a las convenciones de un Atlas, cada mapa representa un área ficticia e indica la visión metafórica de la experiencia humana: los secretos, el conocimiento, la salud, el trabajo, el crecimiento, las dificultades, el placer, la mortalidad, entre otros. Los mapas, una obra de arte multimodal, nos hacen sonreír y pensar. El Atlas presenta mapas de lugares inexistentes, aunque cada uno de nosotros los visite de diversas maneras todos los días.

Palabras claves: Experiencia humana, mapas, texto multimodal, imaginario.

ABSTRACT:

AN ATLAS OF HUMAN EXPERIENCE: AN UNCOMMON METAPHOR?

An Atlas of Human Experience, by Louise van Swaaij and Jean Klare is examined. This book includes twenty-one maps. According to the conventions of an Atlas, each map symbolizes a fictitious area and points out a metaphoric view of human experience, such as secrets, knowledge, health, work, growth, adversity, pleasure and mortality, among others. The maps –a multimodal work of art– make us smile and think. The Atlas presents maps of non-existing places, although they are visited by us everyday in different ways.

Key words: Human experience, maps, multimodal text, imaginary.

RESUMO: *Estarei apresentando a obra de Louise van Swaaij and Jean Klare, Atlas da experiência humana que inclui vinte e um mapas. Estruturado com as convenções de um Atlas, cada mapa ilustra uma área ficcionalizada e aponta para a metafórica visão da experiência humana: segredos, conhecimento, saúde, trabalho, crescimento, adversidade, prazer, mortalidade e outras. Os mapas –uma obra de arte multimodal– fazem-nos sorrir e pensar. O Atlas apresenta mapas de lugares inexistentes, embora cada um de nós os visitemos todos os dias, de diversas formas.*

Palavras-chave: Experiência humana, mapas, texto multimodal, imaginário.

Eu sou professora de literatura na Universidade de Brasília, Brasil. Nas minhas aulas, em turmas de iniciantes, costumo pôr em questão, junto com meus alunos, o que seja literatura, a área de conhecimento, matéria, disciplina que iremos estudar. Parto, dessa forma, do conhecimento prévio dos estudantes a respeito da experiência que eles têm, provinda de anos de escolaridade anteriores, do que seja a matéria e a natureza da literatura. E defendo, comprovadamente, que a matéria da literatura é o Homem e sua Natureza; por isso, ainda se fala em Ciências Humanas, num mundo bastante vazio de atitudes humanas.

Em seguida, começamos a ler e a analisar fragmento por fragmento do texto descon-tínuo que é a *Poética* de Aristóteles, em que a literatura é explicada e exemplificada por

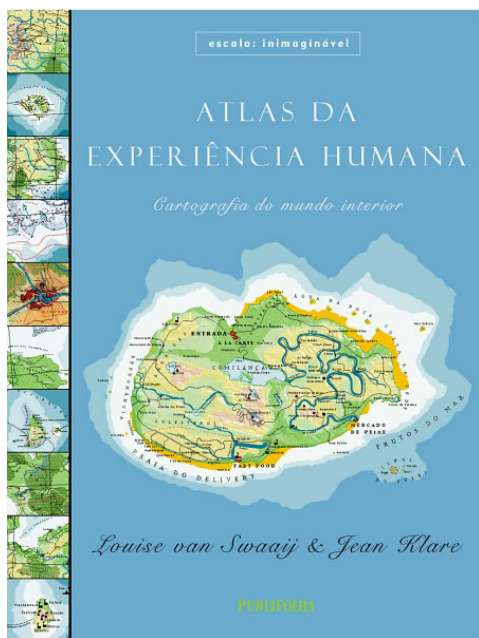
* Fecha de Recepción: Agosto 2008.

Fecha de Aceptación: Septiembre 2008.

¹ Hartmann Lontra, Hilda, Instituto de Letras, Universidad de Brasilia, Brasilia Brasil.

intermédio de reflexões a respeito da tragédia, principalmente, e da epopéia, uma vez que a comédia é aludida no texto aristotélico, mas não chegou até nós.

Ao propor esta reflexão acerca da obra que dá título a minha ponência, o *Atlas da experiência humana*, parto da hipótese de que a construção dos autores é uma peça literária invulgar e pós-moderna. Trata-se de uma composição multimodal, decorrente de estudos multiculturais, porque, principalmente, tem na intersemiótica suas raízes. Mas, apesar de afastar-se tanto dos discursos literários ortodoxos, que caracterizam o texto artístico, o *Atlas* uma peça literária: é uma narrativa poética em que a ação é fixada estaticamente, no papel (talvez comece aqui o paradoxo); em que o espaço é interno, não localizável no mapa geopolítico de qualquer continente; em que o tempo não é cronológico e, sim, o presente constante, e em que as peripécias não são criadas pelo narrador mas, sim, identificáveis e vividas pelo leitor.



É um texto literário contemporâneo, em que se faz presente, como em raras ocasiões, o conceito de leitor implícito, conforme formulado por Wolfgang Iser. E não é um texto de gênero classificado *a priori*, mas, sim, classificável, *a posteriori*, segundo o preenchimento dos vazios e a atribuição de sentido que é feita pelo leitor, ao construir as peripécias. No entanto, em vez de valer-me de uma abordagem moderna e desafiadora, trago, como princípio norteador desta comunicação, a teoria poética de Aristóteles.

Na formulação do estagirita, a tragédia é “a representação de uma ação grave”, protagonizada por “caracteres nobres”, a qual, inspirando “pena ou terror”, produz a “catarse, própria dessas emoções”.

Desde que conheci o *Atlas da experiência humana*, obra que visa representar, por meio de imagens cartográficas, o que cada pessoa sente, pensa e experimenta, ao longo de sua vida, percebi que essa é muito mais do que uma “obra de autoconhecimento”, como é apresentada com fins mercadológicos. Notei que é uma obra cujo protagonista é o leitor. É literária, porque perfaz com palavras e por meio de imagens, o conceito de “representação”, ou seja, coloca em foco a realidade psíquica do ser humano, o “caráter nobre” e grande mote da literatura, personagem central de todas as narrativas épicas, dos poemas líricos e, modernamente, das situações dramáticas enfrentadas neste contexto de fim/início de novo milênio.

Louise van Swaaij e Jean Klare, autores de *Atlas da experiência humana*, combinaram textos sobre o sentido da existência com mapas de um mundo real, e não visível a olhos nus (por isso, às vezes, chamado de “imaginário”), mas facilmente identificável: o das relações entre as pessoas. Este atlas não mostra apenas onde alguém está, aonde ir e como chegar lá. Ele é a representação da vida social. Ele desperta a curiosidade e acende a imaginação, a partir das metáforas sobre as quais é construído: são 23 mapas que delineiam rios, montanhas, cidades, países, regiões inóspitas, oceanos e continentes e podem provocar sensações intensas.

A segunda capa do *Atlas* apresenta-o nos seguintes termos:

Durante séculos, os seres humanos têm sido perseguidos por perguntas cruciais. Quem somos? De onde viemos? Aonde vamos? Onde vamos almoçar? Este atlas segue as convenções de cartografia, mas, por uma topografia familiar, conduz o viajante às esferas até hoje não mapeadas da imaginação, das idéias, dos sentimentos e da vivência. com cujas palavras encerro minha apresentação

Em comentário postado na internet, a blogger brasileira, Melissa Campello assim se manifesta:

Nesse 'altas', os autores apresentam textos relacionados a cada capítulo, sempre cheios de citações, sabedoria e muito humor. Mas o que interessa mesmo são os mapas. Um dos meus favoritos, o mapa de uma ilha chamada Alta Cozinha, tem uma capital chamada Entrada, onde, logo ao lado, encontra-se uma das cidades importantes, À La Carte. Uma cidade costeira no sul da ilha, Fast Food, é banhada pelos mares do Delivery. Perto da ilha principal, há um conjunto de ilhas menores chamado Ilhas do Sushi, Fugu, Surimi e Nori. O país continental mais próximo de Alta Cozinha é o Prazer, outro lugar bastante interessante.

Com o intuito de resgatar aspectos da minha “experiência humana”, para proceder à leitura do *Atlas*, voltei às palavras de Aristóteles, que, em “Conselhos aos poetas sobre a composição das tragédias”, fala:

Quando o poeta organiza as fábulas e completa sua obra compondo a elocução das personagens, deve, na medida do possível, proceder como se ela decorresse diante de seus olhos, pois, vendo as coisas plenamente iluminadas, como se estivesse presente, encontrará o que convém, e não lhe escapará nenhum pormenor contrário ao efeito que pretende produzir.

À primeira vista, os mapas se parecem com tudo o que já se viu: mares, rios, lagos, morros, planaltos, cidades, metrópoles. Todavia, os nomes desses locais, referenciados no espaço humano, são do terreno psíquico, com novas formas metafóricas de nos descrevermos a nós mesmos, os leitores. Em todas as denominações dos acidentes geográficos há “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia,” perfazendo totalmente o conceito de Aristóteles acerca de metáfora.

Assim, é poético o trabalho de descobrir metáforas apropriadas, derivadas do estabelecimento de ilações e da capacidade de perceber as relações. O trabalho dos autores do *Atlas* é, irrefutavelmente, poético, e a junção de desenhos, cores, palavras, nomações constituem uma criação do “*maravilhoso no grau mais elevado*” (Aristóteles).

Conforme bem preceitua o filósofo helênico, o maravilhoso agrada, e a prova está em que todos quantos narram alguma coisa acrescentam pormenores imaginários, com intuito de agradar. E a concretização dos objetivos dos autores, de despertar a imaginação e levar o leitor a alçar vôos ao maravilhoso, apenas pode ser avaliada pela inserção na obra por intermédio da leitura.

Na apresentação do *Atlas* estão registrados alguns conselhos para o leitor, entre os quais destaco: “*Se você se sentir vulnerável e incomodado, por que não visita a Saúde? Dizem que o Lago Elixir tem propriedades curativas, mas não fique muito tempo nas costas da Hipocondria*”.

E mais ainda:

Muitos idosos passam o inverno na Mortalidade, de clima ameno e uma paisagem reconfortante. Os morros da Reminiscência formam belos campos ondulados, enquanto a leste o planalto da Melancolia tem um charme todo seu.

Além do convite:

Prepare-se para uma jornada instigante por este atlas único –o atlas da sua vida– e desfrute, sem sair do lugar, um panorama original, intrigante e, muito provavelmente, esclarecedor.

Em verdade, essa é uma obra poética em que, de Platão a Hellen Keller, várias vozes dialogam com o eu interpretante, de forma desafiadora. É necessário que o leitor assuma seu papel de viajante, faça seu percurso, observe as delícias e os amargores que o esperam na trajetória de sua própria vida.

Obra literária, construída sob uma metáfora invulgar, o leitor pode assumir o papel de *flâneur*, se seguir entre os acidentes hidrográficos, indiferentemente, até mergulhar no rio da Água Corrente e, sem ter o regato de uma Chance, naufragar, Impertubável, no Fluxo de uma Força até sua Desintegração.

A liberdade da colocação do leitor em qualquer dimensão do espaço segue um fluxo temporal do nascimento à morte, passando pelas estações do Lar, do Crescimento, da Mortalidade, até alcançar o Além, inspirando “pena ou terror” (conforme a concepção aristotélica de tragédia). A duração da viagem depende de cada leitor, de acordo com a absorção e a estada em cada uma das etapas do percurso. Nesse trajeto, o viajante vivenciará Adversidades, Esquecimento, Aventura e Mudança, da mesma forma que ocorre em nosso trilhar pelo mundo menos fictício, e –talvez– mais real. Com isso, o viajante-leitor experimentará a catar-se, própria das fortes emoções.

Perto do fim, ao cruzar o Oceano da Paz, os autores do *Atlas*, informam:

“Por enquanto, é bom começarmos a conhecer melhor a nós mesmos, porque a existência pode transformar-se em não-existência a qualquer momento. Talvez consigamos fazer isso descobrindo se esse medo do Além e do Vácuo é o Segredo que usamos para fugir do Tédio e mergulhar na Paixão, no Conhecimento, nas Montanhas de Trabalho ou no Prazer. Enfim, retornaremos ao Lar, recuperados.”

Firma-se, dessa maneira, a hipótese inicial: o *Atlas da experiência humana* é uma metáfora invulgar pelos caminhos do mundo interior, proposto ludicamente para que o leitor siga a máxima socrática: *Conhece-te a ti mesmo*. E com tais palavras vou encerrando minha apresentação, lembrando que a filosofia desencadeada por Sócrates faz a mente rodar por muitos caminhos; é uma frase que nos faz, obrigatoriamente, reconhecer nossa pequenez perante o Cosmo e também evidenciar nossa pouca sabedoria.

Só este caminho de mim até mim mesma possibilita, depois, o caminho de mim até os outros. O diálogo interpessoal de mim com os outros –no nosso caso, nós com nossos alunos– vai implicar que todo o trabalho projetado respeite a construção da personalidade e da identidade próprias, minha e dos outros.

E neste Congresso de Humanidade, realizado no espaço da Universidade Metropolitana das Ciências da Educação, assumo que, acima de tudo, o(a) professor(a) deve ter por

compromisso acompanhar a evolução pessoal e o projeto de vida dos alunos. Nessa perspectiva, ensinar consiste em aprender a conhecer quem é, para onde vai, de que necessita, e aprender a respeitar o outro. Desta forma, o professor institui-se como aprendiz, de si e do outro, de si para o outro. Todos, estudantes.

BIBLIOGRAFÍA

- Malik, Leonor** (s.a.): “Saber aprender para saber ensinar. De um percurso biográfico a um percurso pedagógico” in *O Professor* 51, III Série, Lisboa, Editorial Caminho.
- Martins, Vitor M. Tavares** (1996): “A dimensão da personalidade como percurso pedagógico”.
- Swaaij, Louise van & Klare, Jean** (2004): *Atlas da experiência humana. Cartografia do mundo interior*. São Paulo, Publifolha.

OTRAS FUENTES

<http://br.answers.yahoo.com/question>
<http://www.charleskiefer.com.br/oficina/textos/Poetica.PDF>
www.dominiopublico.gov.br